

# IMPACTOS DA AVALIAÇÃO DA ÁREA 21 SOBRE OS PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: RUPTURAS, CONTINUIDADES E DESAFIOS<sup>1</sup>

Cadernos de Formação RBCE: Sentidos Possíveis

*Alexandre Fernandez Vaz<sup>2</sup>*  
*Michelle Carreirão Gonçalves<sup>3</sup>*  
*Gisele Carreirão Gonçalves<sup>4</sup>*

## Uns Cadernos

Os *Cadernos de Formação RBCE*<sup>5</sup> foram gestados a partir do final de 2007, pela mesma equipe editorial que assumia a RBCE, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*<sup>6</sup>, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, o CBCE. Alexandre Fernandez Vaz e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira lideravam um grupo que contava ainda com Jaison José Bassani, Felipe Quintão de Almeida, Ana Cristina Richter, Lisandra Invernizzi e Michelle Carreirão Gonçalves. As mesmas pessoas se responsabilizariam pelos *Cadernos* que, no entanto, teriam em Alexandre e Michelle uma atenção editorial mais aguda.

A RBCE é provavelmente o periódico da área de Educação Física (Ciências do Esporte, como prefere a comunidade do CBCE) mais antigo em atividade ininterrupta na América do Sul, rivalizando com o colombiano *Educación Física y Deporte*<sup>7</sup>, da Universidade de Medellín, Colômbia. Ambos nascem em 1979 e, apesar dos percalços, mantêm-se desde então contínuos, sobrevivendo a todo tipo de dificuldades que tal empreitada costuma enfrentar. Os *Cadernos*, por sua vez, vieram a público quando se completavam três décadas de sua revista-mãe, em 2009, mesmo tempo de vida do CBCE. Seu intuito era dar vazão e participar

---

<sup>1</sup> Mesa na íntegra disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_Uf-jRkThZ0](https://www.youtube.com/watch?v=_Uf-jRkThZ0). Acesso em: 23/08/2023.

<sup>2</sup> Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; editor dos Cadernos de Formação RBCE.

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, da UFSC; professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua igualmente como pesquisadora do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo; editora dos Cadernos de Formação RBCE.

<sup>4</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, onde também atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; professora da Fundação Catarinense de Educação Especial; secretária editorial dos Cadernos de Formação RBCE.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos>. Acesso em: 23/08/2023

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/>. Acesso em: 23 ago. 23.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/educacionfisicaydeporte>. Acesso em: 23 ago. 2023.

de um debate e produção bibliográfica que vinham sendo rapidamente pressionados a não mais aparecer nas páginas na *RBCE*.

A *RBCE* deveria, cada vez mais e de forma definitiva, publicar artigos originais que trouxessem resultados de pesquisas, além de, muito secundariamente, trabalhos de revisão. Aderia-se, assim, ao tipo de espírito em voga, entendido como científico, que delegava relatos de experiência, propostas pedagógicas, reflexões voltadas à formação de professoras e professores, e demais “não artigos científicos” ao opróbio do impublicável. Essa tendência era e é também de elitização, com o periódico destinando-se quase que exclusivamente à pós-graduação, lugar em que a pesquisa brasileira ganha seu principal território (e onde docentes e pós-graduandas/os, em busca de divulgar seus trabalhos e auferir pontuação na corrida acadêmica, sob pressões diversas, atuam). Para contrabalançar esse movimento, os *Cadernos* nasceram para manter a comunicação com as e os profissionais da escola e de outros campos de trabalho em que a Educação Física se faz presente. Embora desde cedo estivéssemos presentes no Qualis-CAPES, hoje incorporado à Plataforma Sucupira, essa não foi uma preocupação nossa, de maneira que nosso envolvimento orgânico com a pós-graduação tem sido muito pequeno. Saliente-se que, de qualquer forma, temos planos (que já gostaríamos de ter concretizado) de ter uma relação mais próxima com os mestrados profissionalizantes e com os cursos de especialização lato sensu.

Com textos mais breves e sem a preocupação de cumprir requisitos de indexadores importantes, os *Cadernos* vêm tentando, desde o seu início, ser esse espaço em que pessoas que atuam regularmente com Educação Física – e com a educação do corpo, de forma geral – possam encontrar questões, modelos, respostas e perguntas, mas jamais receitas, em que reconheçam os pontos de convergência e de divergência da prática pedagógica. Nesses quase quinze anos de publicação, temos tido algum êxito, ainda que o interesse por publicar recaia principalmente em autoras e autores que se encontram vinculados a instituições de ensino superior, seja como docentes ou como estudantes. Permanece um desafio que os *Cadernos* cumpram de forma mais efetiva aquela meta desenhada em sua origem e concepção, a de que professoras e professores escolares possam, por meio dele, também tomarem parte do *CBCE*. Isso talvez se justifique pela restrita circulação dos periódicos nos ambientes de educação formal, que têm como protagonistas professoras e professores outros que não as/os universitárias/os. O que nos leva à difícil tarefa de criar uma política editorial que alcance aquelas e aqueles que estão fora das instituições de ensino superior, e que têm muito a dizer sobre, com e a partir de suas práticas pedagógicas.

Enquanto isso, nos dez anos em que estivemos na *RBCE*, ela seguiu seu percurso em paralelo aos *Cadernos*, tendo alcançado, em tempo relativamente curto, a indexação na LILACS e logo após no Scielo, além de em outros indexadores. Foram feitos estudos e ações importantes, adequando o periódico às diversas exigências, entre elas o acesso livre na rede mundial de computadores e a publicação de ao menos 60 artigos originais por ano<sup>8</sup>. Aproveitamos, ademais, o caminho que fora pavimentado por editoriais anteriores à nossa. Há um problema que um periódico como a *RBCE* enfrenta que os *Cadernos* se distanciam, que é exatamente essa luta por reconhecimento métrico interna ao sistema. Como a força das revistas de Educação Física/Ciências do Esporte para pautar os critérios não é muito grande, corre-se constantemente atrás do cumprimento do que vem estabelecido por áreas de conhecimento mais consolidadas. Então, quando se consegue atingir algumas metas, as regras mudam, e isso dificilmente acontece favoravelmente a quem está na margem, mas para quem está já na frente. O sistema tende a ser conservador, e tal conservação significa que quem está na dianteira, lá continua, até mesmo porque as regras são geralmente construídas de cima para baixo. É um sistema muito pouco permeável a mudanças.

Bem, é nesse caminho que os *Cadernos* têm procurado se aperfeiçoar. Nesse contexto, é de se destacar que a submissão de artigos não é volumosa. De uma forma muito geral, repetimos que há dois tipos de pesquisadoras/es que submetem artigos para os *Cadernos*, ambas/os como que desinteressadas/os (pelo menos no ato de submissão) em relação à pontuação acadêmica oriunda dos artigos em periódicos, uma vez que desde seu início o veículo sempre se apresentou com uma avaliação relativamente baixa no ranking então chamado de Qualis-Capes. Como chegar e mesmo permanecer na pós-graduação como docente depende, quase sempre, dos pontos obtidos nas tabelas, e como cada artigo tem um valor temporalmente limitado em sua “atualidade” (três, cinco, dez anos, conforme agência ou edital), a preocupação de pesquisadoras e pesquisadores em não “queimar” (é esse o termo empregado) seus trabalhos em revistas pouco pontuáveis, é grande. O movimento de retroalimentação é muito forte, ele serve para manter a pós-graduação em pé, mas não necessariamente significa que haja uma produção de conhecimento mais ampla, profunda, densa e disseminada. Dessa forma, os *Cadernos* têm sido procurados, principalmente, por quem não está na pós-graduação ou, ainda que minoritariamente, por quem está consolidado e tem produção tão vasta, que não precisa dos pontos a mais ou a menos que seu artigo pode trazer. É bom lembrar que os programas de pós-graduação precisam dos artigos pontuados para

---

<sup>8</sup> Reconhecemos o trabalho muito importante desenvolvido por Felipe Quintão de Almeida e Jaison José Basani, que substituíram Marcus Aurélio Tabora de Oliveira como editores-adjuntos, e de Ana Cristina Richter e Lisandra Invernizzi, na secretaria geral do periódico.

manter ou melhorar suas notas, o que, por sua vez, fará com que não minguem os recursos, ou que eles possam ser mais abundantes, a exemplo do número de bolsas. Sim, o sistema é cerrado e interdependente.

Como o sistema de ciência e tecnologia se baseia na competição desenfreada e no baixo valor da cooperação – o que é, como sabemos, um movimento estagnante, no melhor dos casos, e suicida, no pior – os *Cadernos* não são um veículo escolhido, por exemplo, por muitas das pessoas que se dedicam a pesquisar o ensino de Educação Física ou mesmo a formação de professoras e professores. Pode parecer uma contradição, e de fato é, mas que pode ser facilmente entendida porque o sistema, ao valorizar especialmente um tipo de produto, desmerece e desvaloriza tudo o que não lhe for correspondente. A ponderação aqui, portanto, não é individual, nem a crítica se dirige a esta/e ou àquela/e pesquisadora/or que jogam o jogo acadêmico, mas o *modus operandi* desse mesmo jogo que, por outro lado, é responsabilidade desta/e ou daquela/e pesquisadora/or, de todas e todos nós. Nele ninguém é propriamente passivo.

Nas próximas páginas seguimos tratando dos *Cadernos* em sua atualidade e possíveis sentidos, levando em conta, em especial, as relações que mantêm com as Humanidades. Essas relações são, finalmente, as que a Educação Física comporta – porque as produz ou incorpora, ou ambas as coisas –, de maneira que nossa reflexão é sobre elas.

## **Cadernos de Formação RBCE como um periódico de Humanidades**

Um dos mal-estares que compõem a produção científica na área de Educação Física/Ciências do Esporte é o lugar que nela ocupam aqueles trabalhos que podemos, com alguma liberdade, classificar sob a rubrica das Humanidades. Como os *Cadernos de Formação RBCE* são destinados principalmente ao ensino e à formação de profissionais que atuam na escola e fora dela com práticas corporais, trata-se de um periódico que, por sua natureza, acolhe trabalhos oriundos de pesquisas e experiências em que predominam as Ciências Humanas e Sociais.

Os *Cadernos* não participam, portanto, de um tipo de preocupação que vários periódicos de Educação Física comungam, que é a de manter um equilíbrio, em suas edições, entre artigos de cada subárea ou, pelo menos, divididos entre os três grandes grupos científicos do conhecimento, tal como reconhecidos pelo CNPq, Ciências da Vida, Tecnológicas e Huma-

nas e Sociais. Como no caso da Educação Física as tecnologias – na produção do conhecimento – têm um lugar mais discreto, a dominância fica, grosso modo, entre as outras duas áreas.

Se em Educação Física/Ciências do Esporte existe ciência – e parece evidente que há –, o fato de a área mesma não coincidir com uma ciência – ou seja, apesar das piruetas argumentativas e dos gritos de autenticidade, ela não constitui uma ciência, seja da motricidade humana, seja do que for – torna difícil certas tentativas de conciliação. Uma delas é a de que um artigo científico para a área sociocultural e pedagógica deva ter um formato pré-determinado, como se ciência e produção de conhecimento fossem receitas fechadas. Nem sempre é possível redigir um texto para ser publicado, oriundo de pesquisa, atendendo ao modelo que se espera nas Ciências da Vida. O enquadramento da forma de exposição pode até mesmo – e isso não é incomum – jogar contra a potência do escrito. Some-se a isso o fato de uma redação em Humanidades eventualmente ser determinante para a exposição dos resultados de uma pesquisa, algo nem sempre presente nas Ciências da Vida, mais afeitas ao relato das fases da pesquisa e à exposição e interpretação dos resultados, ao que chamam de objetividade.

A Educação Física/Ciências do Esporte se coloca, nos dois grandes gestores do sistema de ciência e tecnologia do Brasil, CAPES e CNPq, na área de Ciências da Vida ou da Saúde. No rol da SBPC, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pertence às Ciências Sociais Aplicadas. Isso determina exigências e supõe formas de pesquisar e escrever. Não há como, nessas condições, não ficarem as Humanidades em posição marginal. A ciência tradicional não foi construída para elas, que buscam, então, se adaptar. É uma tentativa de adaptação árdua e inglória. Como falta política de expansão da área como um todo, e um tanto de incompreensão e falta de debate sobre o que e como uma pesquisa em Educação Física deve ser feita (História e Sociologia dos Esportes convivem com Biomecânica e Treinamento Esportivo, nos mesmos departamentos universitários), as coisas ficam muito difíceis. É um processo deletério e autofágico, e que é bom apenas para os que estão no topo de cima dos corredores da ciência.

Esse processo a Educação Física/Ciências do Esporte compõe de uma forma muito peculiar, e a subárea sociocultural e pedagógica se coloca nele de uma maneira difícil, como resistência dentro desse contexto, sendo que, mesmo sem querer, ou talvez nem tanto, ela se põe contra o sistema pelo menos de forma geral, e isso gera um descompasso difícil de corrigir, difícil de resolver.

Tomamos aqui um exemplo pequeno, mas significativo, que diz algo sobre esses mal-entendidos. Às vezes se critica trabalhos de Humanidades porque eles seriam “ensaios”, ou seja, trariam um conjunto de opiniões sem embasamento teórico ou empírico. Mas não é de ensaio que se trata, mas sim, no máximo, de um texto frágil e sem razões para ser publicado, quando a mera opinião se coloca, sem que haja um problema concreto solidamente edificado e debatido em um texto. Supõe-se que foi Michel de Montaigne, no século XVI, quem criou essa forma escrita expressiva, que é o ensaio. Eventualmente temos bons ensaios na área de Educação Física/Ciências do Esporte, como acontece na História, na Sociologia e na Filosofia, entre outras disciplinas, e eles devem ser publicados, na medida em que ajudam a pensar questões, ao se deslocarem (mas não abandonarem) os métodos que vemos, *stricto sensu*, como científicos.

Há outros mal-entendidos nesse contexto, e um deles, para além da questão do formato dos artigos, é sua compulsória tradução para o inglês. A solução encontrada por muitos de nossos periódicos (uma solução muito brasileira, diga-se de passagem) é publicar os artigos em dois idiomas, geralmente em português e sempre em inglês, medida sem a qual se torna impossível alcançar posição em indexadores mais poderosos. O sentido de tal empreendimento é, ao menos formalmente, a internacionalização da pesquisa brasileira. Como o inglês é a língua oficializada na ciência e tecnologia – o que se deve a determinantes históricos e sociais, antes dela foi o francês – parece não sobrar alternativa. O efeito imediato disso é, no mais das vezes, a drenagem de recursos públicos e privados para o pagamento de traduções e revisões, uma vez que a escritura de um artigo em idioma estrangeiro na área de Humanidades demanda um domínio linguístico que é, entre nós, incomum.

Os *Cadernos* não enfrentam tal dificuldade, já que não perseguem os patamares pretendidos por outros periódicos. Isso não significa desprezo pela indexação, ao contrário, trabalhamos na direção de tornar a publicação mais conhecida, buscando novos indexadores, de modo que nossos textos tenham mais vias de acesso, ao menos dentro do sistema acadêmico-científico, o que não quer dizer, no entanto, que com isso alcancemos professoras e professores que atuam na educação básica e em outros espaços formativos.

Tampouco desconsideramos a importância dos idiomas estrangeiros, tanto que já publicamos artigos em espanhol e contamos, a partir deste 2023, com colegas do Uruguai e da Argentina na equipe editorial. Se tudo correr conforme nossas metas, os *Cadernos* em breve terão, ao menos em parte, dupla publicação, em português e em castelhano, estendendo o debate para os países vizinhos.

## O sentido do periódico

O que se chama de área sociocultural e pedagógica, por sua vez, pela forma como está estruturado o sistema, tende não a desaparecer, mas a ser pouco representativa, existindo grupos específicos, mas sempre, e cada vez mais, com uma posição muito marginal na pós-graduação. Da forma como está estruturado o sistema, esse impulso, força, essa massa crítica que pensa sobre as problemáticas atinentes às Humanidades, vai sobreviver como um grupo em extinção que, assim como acontece com algumas espécies de animais raros, deve ser preservado para que as gerações futuras o conheçam.

O sentido de um periódico é abrigar a produção acadêmica que possa ajudar no avanço do conhecimento, acumulando coletivamente conhecimento que auxilie, ademais, a orientar ou ao menos pensar sobre as práticas. No caso de veículos como os *Cadernos de Formação RBCE*, sem prejuízo para o primeiro ponto, a ênfase está no segundo; no que se refere aos periódicos em geral, inclusive aos Cadernos (ainda que secundariamente), o interesse está principalmente na divulgação dos produtos oriundos de pesquisa. Mas, isso é apenas em parte verdadeiro. O fito da publicação de um artigo acaba sendo o acúmulo não de conhecimentos, mas de pontos na corrida acadêmica. Se isso não fosse verdade, não haveria tanta preocupação com a publicação de um mesmo texto em mais de um lugar, mesmo em outro periódico, já que sua divulgação com isso seria mais extensa. O problema é que as/os autoras/es dobrariam os pontos recebidos e isso, lamentavelmente, é o que mais interessa. O caminho dos *Cadernos de Formação RBCE* tem que ser outro.

Esses são problemas que não são dos *Cadernos* apenas, tampouco dos periódicos da área de Educação Física/Ciências do Esporte. Se as publicações não são apoiadas, se não destinamos artigos a elas, mesmo às com posições de ranqueamento mais baixos, elas não sobrevivem. Com isso parece também a Educação Física/Ciências do Esporte. Para que isso não aconteça, além do fortalecimento dos periódicos e entidades representativas (Como o CBCE!), é preciso que assumamos o papel de protagonista no debate dos critérios e agendas da área. Não, obedecer incondicionalmente, dando um jeito de correr atrás do preenchimento de planilhas, não é a única, nem tampouco a melhor maneira de se produzir e disseminar conhecimento.